





as oportunidades de consultoria. E com elas, veio a vinculação, inicialmente esporádica, depois permanente, à Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais –FLACSO, uma instituição intergovernamental latino-americana–, da qual faziam parte, então, além do Brasil, outros dez países da América Latina: Argentina, Bolívia, Chile, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, México, Nicarágua, República Dominicana e Suriname. E na Sede Acadêmica Brasil da FLACSO, veio culminar o passo decisivo para o meu encontro com Leopoldo Bartolomé.

Foram padrinhos determinantes desse encontro afortunado os Professores Ayrton Fausto e Benício Schmidt. Graças à sua incomum ousadia acadêmica e à sua não extraordinária habilidade político-institucional, como representantes da FLACSO e da Universidade de Brasília, respectivamente, estes dois colegas e amigos de outros tempos, tinham logrado criar, contra todas as expectativas e apostas, a primeira instituição voltada especificamente para a formação de latino-americanistas no âmbito da própria América Latina o *Centro Estudos da América Latina e do Caribe* (CEPPAC). Este centro, destinado a abrigar o *Doutorado Conjunto FLACSO-UnB em Estudos da América Latina e do Caribe*, surgia nesse contexto como a concretização de um sonho longamente acalentado por toda uma geração intelectual e universitária: o sonho da integração social, política, cultural, intelectual e científico-acadêmico da América Latina.

## O ENCONTRO FELIZ

Vim a conhecer Leopoldo, portanto, no Brasil, no âmbito de uma grande Universidade, explicitamente voltada para o futuro, tal como a planejara o antropólogo Darcy Ribeiro, cujas inclinações latino-americanistas eram amplamente notórias e vinham, pois, ao encontro da missão explícita da FLACSO.

Este primeiro Programa de Doutorado que se destinava à formação de latino-americanistas tinha sido formal e solenemente inaugurado no Auditório da UnB, com as bênçãos da UNESCO, cujo responsável pela Área das Ciências Sociais, o sociólogo espanhol Luís Ramallo SJ proferiu a Aula Magna inaugural do evento.

Nela, deteve-se de forma impecavelmente professoral e erudita, nos quatro princípios cardeais que, segundo ele, deveriam reger esta novíssima iniciativa de integração da América Latina, no plano social, cultural e

intelectual. Dos três primeiros, todos eles de natureza epistemológica, já não consigo mais lembrar-me. Embora, na ocasião, tivessem me parecido apropriados às circunstâncias.

O quarto princípio, entretanto, permaneceu –como havia de provar o futuro– gravado de forma indelével (em caracteres de ouro, por assim dizer) na memória de todos os presentes e incorporado, como judicioso e salutar para o ofício acadêmico, a julgar pela sua constante reiteração, nas mais diversas situações: *'Hay que pasarla bien!'* Esta se tornou, desde logo, a divisa da nossa recém inaugurada iniciativa acadêmica, cultural e social. E política, pois, certamente, também o era! Mas de modo algum menor que as anteriormente mencionadas. Bastaria recordar, a propósito, que não se tratava, no caso, de aprofundar o conhecimento da América Latina, mas de contribuir ativamente na sua integração, tão acalentada como remédio para os males do presente e para os percalços e esperanças do futuro.

## A REPÚBLICA LATINO-AMERICANA

A primeira das instâncias efetivas de integração latino-americana, entretanto, foi *'o apartamento dos professores visitantes estrangeiros'*. Vista em retrospecto, esta foi, com certeza, a mais notável e bem sucedida iniciativa dos tempos inaugurais do Doutorado Conjunto FLACSO-UnB.

Revelou-se, com o tempo e a diversidade rotativa de seus habitantes circunstanciais, uma espécie de experimento (em miniatura) da proposta de integração latino-americana. Em tudo, neste caso, adequada ao experimento maior e englobante que era o próprio Doutorado Conjunto. Foi, desde o início, um excitante fórum de discussões e debates das teorias, das políticas sociais e culturais; apenas propostas ou já implementadas; historicamente vigentes ou a caminho da extinção.

Com ele surgiu uma instância verdadeiramente digna dos nobres e ousados propósitos do Doutorado Conjunto FLACSO-UnB, pois, graças a esta iniciativa começou a concretizar-se o clima latino-americano adequado a uma formação acadêmica de alto nível, com vistas a uma nova geração de latino-americanistas, capazes de elucidar e enfrentar a problemática já identificada, até aí, formulando novas respostas razoáveis e trazendo-lhe, a partir daí, novas soluções plausíveis e viáveis.

Neste sentido, o *apartamento dos professores visitantes estrangeiros* consistiu na instauração de uma espécie de *'república dos veteranos'*, onde eram acolhidos os professores-visitantes, termo ao qual se costumava

adicionar o qualificativo de 'estrangeiros'. Este vocábulo referia-se ao fato de residirem aí, temporariamente, os professores vindos de outros países da América Latina; ou de outros Estados da República Federativa do Brasil, em oposição àqueles pertencentes aos quadros da UnB.

Os 'visitantes' –sempre homens sem exceção– eram oriundos dos mais diversos rincões da América Latina e se revelavam, de forma mais ou menos enfática, adeptos do integracionismo latino-americano, uma espécie de credo que nos unia a todos –argentinos, brasileiros, chilenos, bolivianos, equatorianos, cubanos, peruanos, dominicanos–.

A qualidade distintiva desse contato inicial, entretanto, só poderá ser verdadeiramente compreendida mediante uma breve apreciação etnográfica do assim chamado *apartamento de professores visitante estrangeiros* do Doutorado Conjunto FLACSO-UnB. Era um apartamento de quatro quartos, na Asa Norte de Brasília, a pouca distância da UnB, que se podia alcançar, comodamente, a pé.

Além das demais comodidades inerentes à moradia, esta contava com um espaço central de dimensões consideráveis, que lhe servia de sala de jantar, de televisão, de visita e, naturalmente, também de reunião. No todo parecia-se com uma espécie de república estudantil, onde os cinzeiros estavam sempre cheios e as garrafas sempre vazias.

Nesta sala, porém, mais do que a fumaça dos cigarros, charutos e cachimbos, o que ocupava o ambiente era a grande arte da conversação, que florescia de uma forma luxuriante, inteligente, instrutiva, espirituosa, por vezes passional, embora sempre amável e bem humorada. Era um colóquio sem fim entre colegas de ofício e correligionários da integração da América Latina, com seus diversos matizes e tonalidades emocionais.

Essa “república de latino-americanistas” foi, desde o início, não somente uma comissão de altos estudos e debates apaixonados, mas também, em notável medida, um lugar de encontros e desencontros de costumes, modos de ser, preferências de gosto, de sensibilidade ética e estética, em resumo, uma autêntica experiência etnológica, na qual membros de diferentes clãs, tribos, facções, com seus respectivos credos, políticos, científicos ou religiosos, gostavam de debater, infindavelmente, temas e teses da mais variada natureza, que tratavam de encarnar com o brio e o histrionismo adequados.

Dos seus respectivos personagens, de um ponto-de-vista sócio-antropológico, seria impossível não reconhecer aí um caso óbvio de *liminaridade*, como o considerava Victor Turner, pois não havia, neste

meio, a propriamente falar, nenhum 'nativo'. Ao contrário, em virtude das respectivas nacionalidades, disciplinas científicas, especialidades temáticas, idiomas, sotaques e personalidades, todos eram aí de algum modo "estrangeiros".

Esta pequena sociedade, porém, não era sempre a mesma. Este fato conferia-lhe uma dose constante de dinamismo, um aspecto sempre cambiante, que resultava numa diversidade bastante enriquecedora, do ponto de vista social, cultural, intelectual, psicológico e caracterológico.

## O ASTROFÍSICO AMÁVEL

Nesta "república dos visitantes estrangeiros", toda ela fruto das coincidências de destinos e circunstâncias, acadêmicas, políticas e culturais, e marcada pela liminaridade, tive o primeiro e inesquecível contato com Leopoldo Bartolomé.

Encarregado de conduzi-lo, pela primeira vez, à sala de aula do Doutorado, na UnB, fiz duas descobertas impactantes: Leopoldo era, originalmente, um astrofísico, que se convertera à Antropologia, e manejava com um desembaraço e maestria, dignos de um bruxo, um computador *MacIntosh*, equipamento cuja existência me era, até então, totalmente desconhecida.

Não obstante tais fatos, para mim surpreendentes e maravilhosos, e também as formidáveis quantidades de cigarros e uísque, que Leopoldo costumava consumir, ele parecia, em tudo e por tudo, um ser humano particularmente sociável. Demonstrava grande interesse pelos outros 'nativos' deste seu novo e curioso meio social e participava com entusiasmo das tertúlias e dos debates entre eles.

Neste âmbito, porém, nem tudo eram rosas. Não faltavam aí rusgas, divergências e rivalidades de todos os matizes. Leopoldo chegou mesmo a escrever, a propósito destas, um pequeno ensaio antropológico, muito perceptivo e espirituoso, aliás, sobre as guerras entre os *flacsianos* e os *unibês*, duas 'tribos' aguerridas responsáveis por verdadeiras tormentas interinstitucionais, no âmbito do recém fundado programa de pós-graduação, destinado a contribuir para a integração da América Latina.

No mais, Leopoldo era um *invitado* e *compañero* agradável e cativante. Sua vasta experiência e erudição, como pesquisador de campo, consultor de grandes projetos, cientista de múltiplas competências, e docente hábil e experimentado, tornavam-no uma ótima companhia, requerida entre os

seus confrades, graças, também ao seu fino e indestrutível senso de humor, em todas as circunstâncias. Nessa “república” revelou-se, com efeito, a amabilidade em pessoa.

Com seus modos singelos e cálidos adquiriu rapidamente fama de notável conversador. Dono de um verdadeiro tesouro de casos e histórias, cada relato de sua ampla e variada experiência profissional, vinha, indefectivelmente, acompanhado de farto anedotário, sempre muito ilustrativo, esclarecedor e divertido, cujas peças se assemelhavam às histórias de ensinamento dos mestres espirituais da tradição. Em tais ocasiões vinham à tona, além de um intelecto vivaz, suas maiores virtudes –simplicidade, generosidade e prudência–.

Esse astrofísico, que amava as pessoas, era nativo de Posadas, capital da província argentina de Misiones; e, portanto, como me disse certa vez, um *local boy*, pertencente a um numeroso e conhecido clã familiar dos Bistoletti, imigrantes italianos de velha cepa.

Viera ao mundo em 5 de dezembro de 1942, sob a regência de uma estrela binária e irregular, de cor azul, amarela e vermelha. Esta gigante chama-se *Rastaban*, que outra não é senão *Beta Draconis* –a Cabeça-do-Dragão–. Este corpo celeste de enorme magnitude e força, augura, nos seus ‘nativos’, certas qualidades pessoais, entre elas: habilidade verbal, grande coragem, convicções fortes e firmes, inclinação para os grandes projetos, persistência e independência, eventual indecisão em assuntos emocionais, e uma pronunciada inclinação para a ciência, a religião e a educação.

## O URSO E SEU BOM COMBATE

Tal como a sua estrela, Leopoldo era um gigante. Este fato se fazia notar, entre outras coisas, pela amplitude dos seus interesses e saberes, que compreendia, para além da astrofísica, a etnologia, a antropologia aplicada, a antropologia econômica, a antropologia urbana, e a teoria antropológica geral.

Com esta panóplia intelectual extraordinária Leopoldo acometeu suas áreas de interesse: as grandes obras públicas e seus impactos ambientais; a remoção e re-localização das populações por elas afetadas; os processos de colonização e de desenvolvimento agrícola e econômico-social; a economia doméstica e a exploração agrícola familiar, bem como o problema da tomada de decisões; a marginalidade social; as estratégias adaptativas; a organização familiar; as redes sociais; o funcionamento dos

modelos dinâmicos não-lineares na antropologia, bem como a aplicação da *teoria do caos* nas ciências sociais; o uso de teorias antropológicas e dados etnográficos para manipular as sociedades, administrando-as mediante processos de aculturação, 'forçada' (ou planejada), e políticas de integração.

A ação humana, não obstante suas intenções, é sempre um pêndulo arriscado entre a paz e a guerra. Entre governos e populações, possibilidades e capacidades; interesses econômicos, financeiros e políticos divergentes, ordenamentos jurídicos polêmicos, finalmente, entre os sábios, especialistas nos mais diversos saberes e tecnologias.

Nestas contendas, porém, assumiu, quase sempre, um dos mais espinhosos, difíceis e delicados papéis inerentes à profissão do cientista social, sobretudo no caso do antropólogo – o de 'estrangeiro profissional'–.

Em virtude da distância inevitável e tantas vezes fatal entre os propósitos das ações e seus respectivos efeitos reais, com frequência, imprevisíveis e ingovernáveis teve de desempenhar-se, não apenas como detentor dos saberes técnicos da antropologia, mas também, e sobretudo, como intérprete, mediador e negociador entre os atores de *dramas sociais*, em grande escala, estudando, concebendo e implementando mecanismos capazes de regeneração do tecido social esgarçado.

Em tais circunstâncias, coube-lhe encarar graves riscos, enfrentando a *tentação fâustica* dos governos; a presunção dos projetistas e as pressões das partes em conflito, à beira do recurso à violência aberta. Portou-se, nessas guerras, como um herói, participando de muitos combates e atuando decisivamente em prélios memoráveis.

Leopoldo foi, neste sentido, um guerreiro, e a ele bem se poderiam aplicar as palavras do grande poeta brasileiro Gonçalves Dias, quando este proclama, nos seus versos: *A vida é combate que aos fracos abate, e aos bravos e fortes só pode exaltar.*

É impossível enumerar, aqui, todos os prélios nos quais se distinguiu ao longo da sua épica vida, na Argentina; no Brasil; no Chile; no México; na Mongólia; nos Estados Unidos. Dentre seus feitos, convém assinalar, sobretudo, aqueles referentes às expropriações e/ou re-localizações populacionais, em grandes projetos hidroelétricos; bem como projetos de saneamento ambiental; controle de inundações; disposição de resíduos sólidos; de desenvolvimento econômico, em comunidades rurais e indígenas.



Graças a estas, transformou-se em consultor de grande prestígio internacional. Esteve a serviço da Comissão Mundial de Represas (WDC); do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID); do Conselho Nacional de Meio Ambiente do Chile (CONAMA); Secretaria do Desenvolvimento Social do México (SEDESOL); do Projeto Egiin (Mongólia); da *Interamerican Foundation* (IAF); do Banco Mundial (WB) da Fundação Bariloche e do Clube de Roma; entre tantos outros organismos internacionais.

Não obstante a magnitude de seus interesses, preocupações e atividades profissionais, constituiu família. E, por duas vezes, teve filhos, também, o que de modo algum é um feito menor, como sabemos todos. No âmbito dessas famílias teve ainda a sorte de encontrar sucessores para ambas as suas artes prediletas. E tudo isto em sua cidade natal (Posadas) onde passou a maior parte de sua vida.

Na sua auto-identificação, Leopoldo adotava um esquema totêmico, habitualmente aplicado, também, aos seus amigos e colegas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPAS - UNaM), cada qual era agraciado por ele com um termo natural. Neste curioso sistema de nomeação, ele mesmo, denominava-se *el Oso* e habitava uma casa de madeira, construída seguindo o modelo característico dos imigrantes europeus da região e situada num bosque sombreado, às margens do Rio Paraná.

Ele gostava de referir-se a esta moradia como *La Cueva del Oso*. E, como estamos nos referindo aqui a um antropólogo, é prudente atentar para a dimensão simbólica desta designação.

Os celtas consideravam o urso como símbolo da classe guerreira, pois o termo com que era designado –*arto* ou *ahrt*– estava presente no próprio nome de um soberano mítico –o Rei Arthur, condutor de uma confraria de guerreiros–. Na Sibéria e no Alasca, graças ao fato de desaparecer no inverno para retornar na primavera, o urso era associado à lua e ao ciclo vegetal regulado por ela. Estava presente, ainda, nas cerimônias de iniciação, onde representava, por vezes, o próprio ‘iniciador’.

De grande importância, em toda a ritualística do Paleolítico, os ursos encontram-se, por toda parte, na Europa. Entre os gregos antigos, representavam Ártemis, divindade feminina, lunar, caçadora e padroeira de ritos marcados pela crueldade, e que, com frequência, adotava a forma da ursa.





- V. Nosso melhor consultor é a experiência de campo
- VI. Um esquema geral de conhecimento é indispensável para dialogar com as outras ciências
- VII. Não usar jargões desnecessários no diálogo com outros especialistas
- VIII. Tratem de educar os demais especialistas na perspectiva antropológica
- IX. Todas as ações humanas coletivas (ou quase) têm uma dimensão sócio-política
- X. A Antropologia, não é uma técnica, mas a arte de explicar em que consiste o problema
- XI. Coisas aparentemente óbvias podem não ser tão óbvias assim
- XII. Não obstante a diversidade etnológica, existe uma Natureza Humana
- XIII. É preciso ser antes de tudo um generalista

Leopoldo Bartolomé era, pois, verdadeiramente grande. Não daquela grandeza ostensiva, que se manifesta na imponência do orgulho e no brilho da vaidade. Era, antes, uma grandeza despreziosa, quase humilde, não fosse a sedução discreta de sua simplicidade sem afetação e de sua liberalidade sem artifício, discretas, ingênuas, e, eventualmente, acompanhadas de uma pitada de bom humor e auto-ironia. Esta grandeza revelava-se ainda, e sobretudo, no seu modo de lidar com subalternos e superiores, sempre como um *gentleman*: sincero, sereno e, ao mesmo tempo, firme e altaneiro.

Suas faculdades diplomáticas eram correspondentemente, prodigiosas. Com elas, conseguia manejar a difícil arte do acordo, comandando grupos de estudantes e cientistas sociais, para harmonizá-los, na medida do possível, sem jamais recorrer aos vexames autoritários. Tinha, em resumo, a prudência, mãe das virtudes e requisito essencial para quem se dedica, de forma reiterada e constante, ao comando de ações arriscadas polêmicas e, portanto, mais ou menos, sujeitas a riscos. Exercia, pois, magistralmente, função de chefe, da qual Edmund Leach afirma, no seu clássico sobre os sistemas políticos birmaneses, que é uma função ritual.

Mas Leopoldo era mais do que um grande antropólogo, um professor



colo de Leopoldo, que o afastava sempre com carinho. Saí de lá oprimido e preocupado com a fragilidade da saúde do meu fraternal amigo.

Tomadas as medidas práticas para o meu retorno ao Brasil, telefonei-lhe do hotel, com a finalidade de obter dele a licença para mais uma visita, para falar do futuro. Ele negou, delicado, mas firme na sua recusa. Mal sabia eu, então, que voltaria a vê-lo, ainda uma vez, dois dias depois, justo quando empreenderia sua maior e mais extraordinária viagem.

O rito do adeus foi, ao mesmo tempo, tristíssimo e glorioso. A manchete do *El Territorio* daquela manhã dizia: “*Buen viaje! Profesor*”. Seus familiares, colegas, amigos e concidadãos reuniram-se para este desafortunado encontro. No instante fatal, porém, fizeram, com um fortíssimo aplauso, seu último e emocionado esforço de reter, no seio da comunidade missioneira, o seu amado, admirado e saudoso Herói.